

Lucas 15:11-32

Redefinindo a perdição

“O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar”

Ira e superioridade

Jesus fala com frequência sobre pecado e salvação com as metáforas de estar “perdido” e “achado”. O capítulo 15 do evangelho de Lucas encerra três parábolas que Jesus dirige aos líderes religiosos. A primeira trata de um pastor que descobre ter perdido uma de suas ovelhas. A segunda parábola é sobre uma mulher que percebe ter perdido uma de suas moedas. Como vimos, a terceira trata de dois filhos que, de maneiras distintas, estão ambos perdidos. No mais, Jesus resume seu ministério como uma operação de resgate, vindo “buscar e salvar o que estava perdido” (Lucas 19:10).

O que significa estar espiritualmente perdido?

Na parábola, a perdição do filho mais novo é claramente notada quando ele acaba em meio ao chiqueiro. Ele fica sem amigos, dinheiro e recursos por conta do comportamento indisciplinado e tolo. Tal comportamento conduz a um colapso completo de sua vida. Nesse ponto, o filho mais novo percebe ter “perdido o rumo” e retorna para tentar reconstruir sua vida.

No entanto, nessa parábola, Jesus pretende que identifiquemos uma forma mais sutil, mas não menos devastadora, de perdição. Depois de compreendermos a definição mais profunda de pecado fornecida por Jesus, poderemos reconhecer esta outra forma, e é importante que o façamos.

Vamos chamá-la de “a perdição do filho mais velho”.

Ela traz tanta miséria e hostilidade ao mundo quanto a primeira forma. Uma investigação mais profunda acerca do filho mais velho nos ajudará a identificar suas características. Vimos que o filho mais velho “encheu-se de ira”. Todas as palavras que pronuncia transbordam ressentimento. O primeiro sinal que se nota em um espírito de irmão mais velho é que quando sua vida não acontece da forma desejada, ele não fica apenas pesaroso, mas com uma profunda ira e um enorme amargor. Os irmãos mais velhos acreditam que se viverem corretamente terão uma vida boa, que Deus lhes deve um caminho suave quando tentam com grande afincamento viver de acordo com as normas.

O que acontece, então, se você é um irmão mais velho e sente que as coisas estão erradas em sua vida?

Se você considera que está vivendo de acordo com seus padrões morais, ficará furioso com Deus.

Você não merece isso, irá pensar, depois de muito ter trabalhado para ser uma pessoa decente! Mas o que aconteceria, entretanto, se as coisas dessem errado em sua vida e

você soubesse que está deixando de seguir as suas normas? Então você se enfureceria consigo mesmo, enchendo-se de autodepreciação e dor interior. (Caça às bruxas).

E se algumas circunstâncias malignas o surpreenderem e você não tiver certeza se sua vida é boa o bastante, é provável que você circule miseravelmente entre os polos do “Eu te odeio!” e do “Eu me odeio!”

A incapacidade dos irmãos mais velhos de lidar com o sofrimento provém do fato de a obediência moral ser baseada nos resultados. A boa vida é vivida não pelo prazer de realizar as boas ações em si, mas ela é antes um meio para controlar os acontecimentos.

Certa estória conta que um mestre trata da diferença entre o egoísmo com base em resultados e a fé nascida do amor.

Um dia, disse ele aos discípulos: “Gostaria que carregassem uma pedra por mim.” Ele não deu qualquer explicação. Então, os discípulos procuraram pedras para carregar consigo; Um deles, Pedro, procurou pela menor pedra que pudesse encontrar. Afinal, o mestre não havia dito nada sobre tamanho e peso! Assim, colocou a pedra no bolso. O líder então disse: “Sigam-me.” E eles deram início a uma caminhada. Por volta do meio-dia, o mestre pediu que todos se sentassem. Fez um meneio com as mãos e todas as pedras se transformaram em pão. Então, disse: “É hora de comer.”

Em poucos segundos, a comida do que havia pego a menor pedra havia acabado. Terminada a refeição, o mestre pediu que todos se levantassem.

Tornou a dizer: “Gostaria que carregassem uma pedra por mim.” Desta vez, Pedro pensou: “Ah! Agora entendo!” Olhou em volta e viu uma grande pedra e a suspendeu sobre seus ombros, e era tão pesada que o deixou cambaleante. Mas pensava: “Mal posso esperar pelo jantar.” Então, o mestre disse: “Sigam-me.” E eles deram início a outra caminhada, e Pedro com dificuldade conseguia acompanhar o grupo. Por volta do horário do jantar, o mestre os conduziu para a margem de um rio. Disse: “Agora, quero que todos joguem as pedras na água.” E assim foi feito. Depois, acrescentou: “Sigam-me”, e começou a andar. Pedro e os outros olharam para ele, embasbacados. O mestre suspirou, e disse: “Não se lembram do que eu pedi que fizessem? Por quem vocês carregaram as pedras?”

Como Pedro, os irmãos mais velhos esperam que a bondade realizada por eles renda frutos, e quando isso não acontece, surge a confusão e a ira. Se você acredita que a bondade e a decência são o caminho para merecer uma boa vida concedida por Deus, acabará corroído pela ira, já que a vida nunca é como desejamos. Você sempre sentirá que lhe devem mais do que está recebendo em troca. Sempre verá alguém se saindo melhor que você em algum aspecto da vida, e irá se perguntar: “Por que ele e não eu? Depois de tudo que fiz!” Pois esse ressentimento é culpa sua. Ele é causado não pela prosperidade alheia, mas por seus próprios esforços na tentativa de controlar a vida por meio da excelência no desempenho. A forte corrente de ira que tal atitude causa pode até transformar você em um assassino, como aconteceu com Caim, e irá constantemente fazer com que você perca o rumo, de muitas maneiras diferentes.

Também podemos ver que o filho mais velho acredita muito em sua própria superioridade. Ele enfatiza quão melhor é em sua história pessoal do que o amante das

prostitutas. Usando de linguagem desdenhosa (“Esse teu filho...”), ele não mais reconhece o irmão como tal.

Os irmãos mais velhos fundamentam sua autoimagem como a de árdios trabalhadores, ou a de moralmente corretos, ou a de membros da elite de um clã, ou a de como extremamente inteligentes e astutos. Essa atitude inevitavelmente os leva a se sentirem superiores a pessoas que não demonstram as mesmas qualidades. Na verdade, a comparação competitiva é a melhor maneira de os irmãos mais velhos identificarem a própria relevância. O racismo e o classicismo são apenas versões diferentes desse projeto de autossalvação. Essa dinâmica se torna excepcionalmente intensa quando os irmãos mais velhos se orgulham, acima de tudo, da retidão religiosa. Quando um grupo acredita que Deus favorece seus integrantes por causa de suas doutrinas particularmente verdadeiras, por conta do modo como adoram e por conta do comportamento ético, a atitude dos membros desse grupo contra aqueles que não demonstram o mesmo pode ser bastante hostil. O farisaísmo dessas pessoas se esconde sob a alegação de que estão apenas se opondo aos inimigos de Deus.

Quando você olha para o mundo com tal ótica, fica fácil justificar o ódio e a opressão, tudo em nome da verdade.

Certo escritor disse: “[As pessoas] que perdem a certeza de que Deus as ama e as aceita em Jesus, exceto quando por meio das realizações espirituais, são pessoas radical e subconscientemente inseguras...Tal insegurança se revela sob a forma do orgulho, uma afirmação agressiva e defensiva de sua própria retidão e por meio da crítica defensiva feita aos outros. Elas acabam naturalmente odiando outras culturas e outras raças para fomentar sua própria segurança e aliviar a raiva reprimida.”

O farisaísmo do irmão mais velho não dá origem apenas ao racismo e ao classicismo, mas, em um nível pessoal, pode acabar criando um espírito julgador e que não perdoa. O filho mais velho não conseguia perdoar seu irmão mais novo por ele ter enfraquecido a posição da família na sociedade, por ele ter desgraçado o nome da família e por ter diminuído a riqueza deles. Ele enfatiza o fato de o irmão mais novo ter estado com “prostitutas”, enquanto ele levava uma vida casta em casa. “Eu jamais faria algo vil assim!”, é o que ele quer dizer com o coração. Porque ele não se vê como parte de uma comunidade normal de pecadores, acaba reprimido por seu próprio amargor. É impossível perdoar alguém quando você se sente superior a essa pessoa. Se você não consegue controlar o temperamento e vê alguém perdendo paciência do mesmo modo como acontece com você, sua tendência é perdoar essa pessoa, porque sabe que não é melhor do que ela. “Como posso falar alguma coisa se sou igual?”, você pensa. No entanto, porque o pecado e a antipatia do irmão mais velho em relação a Deus estão escondidos debaixo da camada de autocontrole e do comportamento moral, esse tipo de pessoa não tem dificuldade alguma em se sentir superior a praticamente qualquer pessoa. Quando veem pessoas que mentem, ou que traem as esposas, ou que não oram para Deus — eles então as desprezam. E se essas pessoas cometem erros em relação a eles, os irmãos mais velhos sentem que seu histórico imaculado lhes dá o direito de ficarem altamente ofendidos e de sempre se lembrarem do erro cometido.

Um clássico exemplo disso é o casamento de um alcoólatra. O alcoólatra, repetidas vezes, decepciona sua família de modo bastante dramático. Como resultado de seu

sofrimento, a esposa do dependente muitas vezes desenvolve um grande senso de autocomiseração e de farisaísmo. A esposa o socorre, mas não o deixa se esquecer dos pecados por ele cometidos.

Essa atitude só causa um comportamento ainda mais autodestrutivo por parte do alcoólatra, o que acaba se tornando parte do motivo pelo qual ele bebe. Trata-se de um ciclo viciante e destrutivo. Pode acontecer que o irmão mais velho, para reforçar a imagem que tem de si mesmo, precise de alguém próximo que seja cronicamente volúvel para poder criticar, fazendo com que o comportamento presunçoso do irmão mais velho torne ainda mais difícil para o irmão mais novo admitir seus problemas e conseguir mudar sua vida. Quando o filho mais novo da parábola supera a fase de negação e é recebido pelo pai, o filho mais velho percebe que o arranjo está quebrado, e sua ira se incendeia.

Se o filho mais velho conhecesse seu próprio coração, teria dito: “Sou tão egoísta e causo tanta dor a meu pai da minha própria maneira, quanto meu irmão da sua.

Não tenho direito algum de me sentir superior.”

Então, ele teria a liberdade de dar a seu irmão o mesmo perdão concedido pelo pai. Mas irmãos mais velhos não se enxergam dessa maneira. A ira que sentem é uma prisão por eles mesmos construída.

Escravidão e nulidade

Outro sinal demonstrado pelas pessoas que têm espírito de “irmão mais velho” é a submissão melancólica e baseada no medo. O filho mais velho se gaba de sua obediência ao pai, mas deixa transparecer o motivo de suas atitudes quando diz: “Todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço.” A fidelidade a qualquer compromisso assumido envolve certa capacidade de obediência. Muitas vezes não sentimos vontade de fazer o que é preciso, mas fazemos mesmo assim, em nome da integridade. Mas o filho mais velho mostra que sua obediência ao pai nada mais é do que mero dever. Não há alegria nem amor, não o vemos se sentir grato por ver o pai satisfeito. De modo semelhante, irmãos mais velhos são obstinados na submissão às normas éticas e no cumprimento de todas as responsabilidades familiares, comunitárias e cívicas. Mas isso não passa de um trabalho penoso, escravo e sem qualquer alegria. A palavra “escravo” significa antes ser forçado do que se sentir compelido ou atraído. Um escravo trabalha por medo — medo das consequências impostas pela força. E é este o significado da real motivação dos irmãos mais velhos. Em última análise, irmãos mais velhos vivem a vida correta por causa do medo, não por alegria e amor.

Uma pessoa que fazia um curso de pós graduação de muito prestígio contou sobre um curso de ética nos negócios em que estava inscrito. O professor dele recomendava a prática da honestidade nos negócios por dois motivos. Primeiro, se você mentir ou enganar, pode acabar sendo pego, e isso seria ruim para o seu negócio.

Segundo, se as pessoas da empresa sabem que estão trabalhando em um ambiente de honestidade, isso servirá para elevar o moral, fazendo com que os funcionários sintam estar acima da concorrência.

De fato, são bons motivos para ser honesto, mas tal apelo acontece apenas pela motivação do medo, para que evitem reduzir os lucros, o orgulho e para que possam se sentir superiores em relação aos outros.

“Diga a verdade — pois isso será vantajoso”, é o que resume o conselho.

Mas o que acontece, entretanto, quando inevitavelmente se chega a situações em que contar a verdade pode ter um custo elevado? O que aconteceria se contar certa mentira lhe trouxesse uma enorme vantagem? Nessas situações, a motivação para ser honesto simplesmente evapora. Alguns dos maiores escândalos corporativos da última década envolviam membros devotos e proeminentes das igrejas.

A obediência do irmão mais velho conduz apenas a uma submissão escrava e ressentida à lei. Uma coisa é ser honesto e evitar mentir visando ao seu próprio bem, outra coisa é fazer isso em nome de Deus, em nome da verdade e por amor às pessoas que nos cercam. Uma pessoa motivada pelo amor, em vez de pelo medo, não irá apenas obedecer à lei, mas irá voluntariamente procurar novas maneiras de conduzir os negócios com transparência e integridade.

A honestidade nascida do medo em nada contribui para eliminar a causa fundamental do mal no mundo — o egoísmo radical do coração humano. Na verdade, a moralidade baseada no medo serve apenas para fortalecer esse sentimento, já que, de qualquer maneira, irmãos mais velhos são moralistas apenas visando ao benefício próprio. Talvez sejam gentis com os outros e ajudem os pobres, mas, em um sentido mais profundo, essas ações são realizadas porque visam à benção de Deus, quando pensamos na aplicação religiosa do espírito do irmão mais velho, ou porque querem pensar em si mesmos como pessoas virtuosas e caridosas, no aspecto secular da atitude. Eis uma história que serve para ilustrar o raciocínio:

Era uma vez um jardineiro que conseguiu colher uma enorme cenoura. Ele a colheu e a levou para seu rei, dizendo: “Meu rei, esta é a maior cenoura que jamais colhi, e que jamais colherei. Assim, quero lhe oferecer como prova de meu amor e de meu respeito.” O rei se sentiu tocado e reconheceu a bondade no coração do homem, de modo que, enquanto este partia, disse o rei: “Espere! Você é verdadeiramente um bom administrador da terra. Tenho uma propriedade bem ao lado da sua. Quero dá-la a você de presente, para que possa plantar em toda aquela terra.” O jardineiro ficou surpreso e feliz, voltando para casa muito alegre. Porém, havia um nobre na corte do rei que presenciara toda a cena. E ele disse: “Ora! Se é isto que se ganha com uma cenoura — o que aconteceria se eu desse ao rei algo ainda melhor?” No dia seguinte, o nobre se apresentou diante do rei, e em suas mãos estavam as rédeas de um belo garanhão negro. Ele se curvou e disse: “Meu senhor, eu crio cavalos, e este é o melhor cavalo que jamais criei e que jamais irei criar. Quero lhe dar de presente como prova de meu amor e de meu respeito.” Mas o rei enxergou o coração do homem, agradeceu, aceitou o cavalo e o dispensou. O nobre ficara perplexo. Depois, disse o rei: “Permita-me explicar. O jardineiro estava dando a cenoura a mim, mas você está dando o cavalo para si mesmo.”

Os irmãos mais velhos têm a capacidade de fazer o bem para os outros, mas não pelo prazer da ação em si nem por amor pelas pessoas ou para o deleite de Deus. Eles não estão alimentando os famintos nem vestindo os que têm frio de verdade, estão

alimentando e vestindo a si mesmos. O egoísmo fundamental de seus corações não só permanece intacto como continua sendo alimentado pelo moralismo baseado no medo, e isso pode explodir, e até mesmo acaba explodindo, de maneiras chocantes. E por tal motivo que muitas igrejas são assoladas pelas fofocas e pelas disputas.

Também por esse motivo muitas pessoas moralistas vivem de modo aparentemente casto para depois se entregar aos mais escandalosos pecados. Debaixo do aparente altruísmo se esconde um enorme egoísmo.

Os deveres religiosos e morais são um pesado fardo, muitas vezes esmagadores. A frustração emocional e o tédio interior com a vida acabam reprimidos e renegados. Os irmãos mais velhos sentem grande pressão para parecer, até mesmo para si próprios, felizes e contentes. É por esse motivo que, às vezes, irmãos mais velhos altamente moralistas estragam suas vidas e, para a surpresa de todos que os conhecem, abandonam as correntes de suas obrigações e passam a viver como irmãos mais novos. O último sinal pelo qual podemos identificar um espírito de irmão mais velho é a falta de certeza em relação ao amor do pai. Diz o filho mais velho: “Nunca me deste nem um cabrito para eu festejar”. Não há dança nem alegria na relação do filho mais velho com seu pai. Enquanto estiver tentando merecer a salvação por meio da tentativa de controlar Deus com suas bondades, você jamais terá certeza de que é bom o suficiente para ele. Você simplesmente não terá certeza se Deus o ama e se rejubila em você.

Quais são os sinais dessa falta de segurança?

Um deles já foi mencionado: toda vez que algo dá errado na vida ou que uma oração não é atendida, você acaba se perguntando se é por não estar vivendo esse ou aquele aspecto de forma correta. Outro sinal é quando a crítica alheia não apenas fere seus sentimentos, mas os devasta. Isso acontece porque sua noção do amor de Deus é abstrata e tem pouca utilidade prática na sua vida, e você necessita da aprovação dos outros para reforçar sua autoimagem. Além disso, você irá se sentir irredutivelmente culpado. Quando você faz algo que sabe que é errado, sua consciência o atormenta por muito tempo, mesmo depois de você se arrepender. Já que você não consegue ter certeza de que se arrependeu o suficiente, acaba se reprovando pelo que fez.

Mas talvez o sintoma mais claro dessa falta de segurança seja uma vida estéril de orações. Ainda que os irmãos mais velhos sejam diligentes na oração, não há prazer, reverência, intimidade ou deleite nas conversas que têm com Deus. Imagine três pessoas diferentes — um colega de trabalho de quem você não gosta, um amigo com quem você gosta de fazer tudo e uma pessoa por quem você esteja apaixonado, e que esteja apaixonada por você. As conversas que você tem com seu colega de trabalho serão quase todas sobre as metas a cumprir. Você não terá interesse algum em conversar sobre amenidades.

Com seu amigo, talvez você abra o coração para falar de algum problema que esteja ocorrendo. Porém, com a pessoa amada, você sentirá um forte impulso para falar sobre o que você acha lindo sobre ela.

As três conversas são formas comparativas das orações que foram chamadas “petição”, “confissão” e “adoração”. Quanto mais profunda for a relação amorosa, mais a conversa tenderá para o lado pessoal e para o compromisso e o louvor. Os irmãos mais velhos

são disciplinados no que diz respeito ao horário das orações, mas as orações que eles oferecem são quase todas associadas a pedidos e petições, em vez de um louvor espontâneo e prazeroso.

Na verdade, muitos irmãos mais velhos, apesar de toda a religiosidade, não têm, absolutamente, uma vida pessoal de orações, exceto nos períodos em que nada dá certo na vida.

Nesses períodos, essas pessoas devotam muito tempo às orações, até que as coisas tornem a ficar boas. Essa atitude apenas demonstra que o objetivo principal da oração dos irmãos mais velhos é controlar o ambiente em vez de se entregar ao relacionamento íntimo com um Deus que os adora.

Quem precisa saber disso?

Mas por que é tão importante saber que Jesus considera a perdição do filho mais velho tão errada e destrutiva quanto a perdição do filho mais novo?

Os irmãos mais velhos do mundo precisam desesperadamente ver o próprio reflexo no espelho. Jesus direcionou essa parábola primeiramente aos fariseus, para lhes mostrar quem verdadeiramente eram e para reforçar a necessidade de mudança. Conforme dissemos, o filho mais novo sabia que estava alienado do pai, mas o filho mais novo não sabia. E é por isso que a perdição do filho mais velho é tão perigosa.

Os irmãos mais velhos não vão a Deus e imploram pela cura da situação em que se encontram. Eles nada encontram de errado em tal condição, e este pode ser um erro fatal. Quando você sabe que está doente, procura um médico; mas se não sabe que está, você não procura — simplesmente morre.

Os irmãos mais novos do mundo também têm a mesma necessidade de enxergar isto. Quando compreendemos a atitude do filho mais velho na história, passamos a enxergar uma das razões pelas quais o filho mais novo queria partir. Há muitas pessoas hoje em dia que abandonam qualquer tipo de fé religiosa por verem claramente que as grandes religiões estão cheias de irmãos mais velhos. Essas pessoas concluem que a religião é uma das maiores fontes de tristeza e de contendas do mundo. E adivinhe só! Por meio da parábola, Jesus diz que essas pessoas estão certas. A ira e a superioridade, ambas nascidas da insegurança, do medo e do vazio interior, são capazes de juntar uma grande massa de indivíduos guiados pela culpa e pelo medo, pessoas espiritualmente cegas, o que é um dos grandes celeiros da injustiça social, das guerras e da violência. É comum pessoas que voltaram as costas para as religiões acreditarem que com o Cristianismo as coisas não são diferentes. Essas pessoas já experimentaram a sensação de estar em uma igreja transbordando de irmãos mais velhos. Dizem: “O cristianismo é apenas outra religião.” No entanto, Jesus diz que não, que isso não é verdade. Todo mundo sabe que o evangelho cristão nos chama para longe da libertinagem do espírito de irmão mais novo, mas poucos percebem que ele também diverge em muito do moralismo do espírito do irmão mais velho.

Nossas grandes cidades estão repletas de irmãos mais novos que fugiram das igrejas dominadas por irmãos mais velhos. Certo pastor diz: Quando me mudei para Nova York, no fim dos anos 1980, para fundar uma nova igreja, pensei que iria encontrar muitas pessoas não religiosas que não tinham qualquer familiaridade com o Cristianismo. E

encontrei; mas, para minha surpresa, encontrei tantas outras pessoas que haviam sido criadas nas igrejas e nas mais devotas famílias, mas que haviam ido para Nova York para ficar o mais longe possível dessas igrejas.

Depois de cerca de um ano de ministério, tínhamos duas ou três centenas de pessoas frequentando os serviços. Um dia me perguntaram: “Quem está frequentando sua igreja?” Depois de refletir, respondi que cerca de um terço das pessoas não eram fiéis, um terço era de fiéis e o outro terço era de fiéis “em recuperação” — irmãos mais novos. Encontrei inúmeros irmãos mais novos que haviam sido ofendidos e feridos por irmãos mais velhos que nem eles, nem eu, éramos capazes de dizer se ainda acreditavam ou não na fé cristã.

Os exemplos mais recorrentes que percebi eram com muitos jovens adultos que vinham de diversas partes conservadoras dos Estados Unidos para obter um diploma de graduação nas escolas de Nova York. Aqui, esses jovens encontravam as pessoas sobre quem por muito tempo foram alertadas, pessoas com uma visão muito liberal do sexo, da política e da cultura. Apesar do que haviam sido convencidas a acreditar, essas mesmas pessoas eram bastante gentis, razoáveis e de coração aberto. Quando jovens adultos começaram a experimentar uma mudança no modo como enxergavam a vida, perceberam que muitas pessoas da terra natal, especialmente as das igrejas, agiam de forma hostil e fanática. Em pouco tempo, passaram a rejeitar a antiga compreensão que tinham, assim como rejeitaram a fé. Os irmãos mais velhos os tinham transformado em irmãos mais novos.

Descobrimos, no entanto, que os irmãos mais novos tinham vontade de frequentar nossa igreja por perceberem que fazíamos uma distinção bem clara entre o evangelho e o moralismo religioso, o que lhes deu uma oportunidade de explorar o Cristianismo sob uma nova perspectiva.

É natural os irmãos mais novos pensarem que o espírito do irmão mais velho e o cristianismo são exatamente a mesma coisa. Mas Jesus diz que não são.

Na parábola, Jesus desconstrói a religiosidade, um dos principais problemas do mundo. Nela, Jesus nos diz: “Será que você poderia, por favor, considerar a possibilidade de que o evangelho, ou o Cristianismo verdadeiro, é algo completamente diferente da religião?”

Isso traz para muitas pessoas a esperança de que há um caminho para conhecer Deus que não conduz às patologias do moralismo e da religiosidade.

Há um terceiro grupo de pessoas que precisam compreender a perdição do irmão mais velho. Há uma grande diferença entre um irmão mais velho e um cristão verdadeiro, que crê no evangelho. Mas também há muitos cristãos genuínos que tendem um pouco para o espírito do irmão mais velho. Se você veio a Cristo deixando de ser um irmão mais novo, sempre haverá o risco de cair de novo nas tentações ou nos pecados dos irmãos mais novos. Mas se você se tornou cristão ao deixar de ser um irmão mais velho, é ainda mais fácil incorrer nas atitudes e na falta de vida espiritual do irmão mais velho. Se você ainda não compreendeu o evangelho plena e profundamente, acabará tornando a ser condescendente, condenatório, ansioso, inseguro, triste e irascível o tempo todo. Irmãos mais velhos têm uma tendência a se irar com as circunstâncias da vida, guardam rancor por mais tempo e com mais amargor, desdenham de pessoas de

outras raças, de outras religiões e que seguem estilos de vida diferentes; consideram a vida uma labuta sem alegria e opressora, têm pouca intimidade e sentem pouca alegria na vida de orações, além de uma profunda insegurança que os torna excessivamente sensíveis à crítica e à rejeição, apesar de permanecerem ríspidos e impiedosos na condenação alheia. Que quadro terrível! Mesmo assim, o caminho de rebeldia do irmão mais novo obviamente não representa uma alternativa melhor.

Muitas pessoas que seguem a filosofia da realização individual e do autoconhecimento não causam os mesmos estragos em suas vidas como o filho mais novo. A maior parte das pessoas religiosas que acreditam que Deus as irá salvar por conta dos esforços morais não chega nem perto de serem desalmadas e iradas como o filho mais velho.

Será que Jesus teria exagerado?

A resposta é não, ele estava explicando que, apesar de grande parte das pessoas jamais alcançarem esses extremos, toda opção que fazemos na vida tem em si sementes de destruição, que colocam as pessoas que as adotam na direção da destruição espiritual que ele tão bem descreveu.

A parábola de Jesus acarreta uma certa crise para o ouvinte atento. Ele retratou com cores muito vivas ambos os caminhos espirituais do mundo, os caminhos mais comuns que o mundo nos oferece na busca pela felicidade, pela ligação com Deus e pelo modo com que lidamos com os problemas. Não obstante, ele demonstra que ambos são profundamente errôneos, como becos sem saída.

Está claro que ele deseja que optemos por uma abordagem radicalmente diferente, mas que abordagem é esta? Onde a encontramos?

Acharemos a resposta para essa pergunta quando percebermos que Jesus deliberadamente deixou uma pessoa de fora dessa parábola. Ele assim procedeu para que buscássemos essa pessoa e, ao encontrá-la, pudéssemos finalmente encontrar o verdadeiro caminho.